



1

GÊNESIS A DEUTERONÔMIO

COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON

George Herbert Livingston

Leo G. Cox

Dennis F. Kinlaw

Lauriston J. Du Bois

Jack Ford

A. R. G. Deasley

COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON

GÊNESIS A DEUTERONÔMIO

1



Todos os direitos reservados. Copyright © 2005 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Beacon Bible Commentary 10 Volume Set
Copyright © 1969. Publicado pela Beacon Hill Press of Kansas City,
uma divisão da Nazarene Publishing House, Kansas City, Missouri 64109, EUA.

Edição brasileira publicada sob acordo com a Nazarene Publishing House.

Tradução deste volume: Luís Aron de Macedo
Preparação de originais e revisão: Reginaldo de Souza
Capa e projeto gráfico: Rafael Paixão
Editoração: Joede Bezerra

CDD: 220- Comentário Bíblico
ISBN: 05-263-0685-5

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <http://www.cpad.com.br>

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Impresso no Brasil

BEACON HILL PRESS

COMISSÃO EDITORIAL

A. F. Harper, Ph.D., D.D.
Presidente

W. M. Greathouse, M.A., D.D.
Secretário

W. T. Purkiser, Ph.D., D.D.
Editor do Antigo Testamento

Ralph Earle, B.D., M.A., Th.D.
Editor do Novo Testamento

CORPO CONSULTIVO

E. S. Phillips
Presidente

J. Fred Parker
Secretário

G. B. Williamson
A. F. Harper
Norman R. Oke
M. A. Lunn

EDIÇÃO BRASILEIRA

DIREÇÃO-GERAL

Ronaldo Rodrigues de Souza
Diretor-Executivo da CPAD

SUPERVISÃO EDITORIAL

Claudionor de Andrade
Gerente de Publicações

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Isael de Araujo
*Chefe do Setor de Bíblias
e Obras Especiais*

Prefácio

“Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra” (2 Tm 3.16,17).

Creemos na inspiração plenária da Bíblia. Deus fala com os homens pela Palavra. Ele fala conosco pelo Filho. Mas sem a palavra escrita como saberíamos que o Verbo (ou Palavra) se fez carne? Ele fala conosco pelo Espírito, mas o Espírito usa a Palavra escrita como veículo de revelação, pois Ele é o verdadeiro Autor das Santas Escrituras. O que o Espírito revela está de acordo com a Palavra.

A fé cristã deriva da Bíblia. Esta é o fundamento da fé, da salvação e da santificação. É o guia do caráter e conduta cristãos. “Lâmpada para os meus pés é tua palavra e luz, para o meu caminho” (Sl 119.105).

A revelação de Deus e sua vontade para os homens são adequadas e completas na Bíblia. A grande tarefa da igreja é comunicar o conhecimento da Palavra, iluminar os olhos do entendimento e despertar e aclarar a consciência para que os homens aprendam a viver “neste presente século sóbria, justa e piamente”. Este processo conduz à posse da “herança [que é] incorruptível, incontaminável e que se não pode murchar, guardada nos céus” (Tt 2.12; 1 Pe 1.4).

Quando consideramos a tradução e a interpretação da Bíblia, admitimos que somos guiados por homens que não são inspirados. A limitação humana, como também o fato incontestado de que nenhuma escritura é de particular interpretação, ou seja, não tem uma única interpretação, permite variação na exegese e exposição da Bíblia.

O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) é oferecido em dez volumes com a apropriada modéstia. Não suplanta outros. Nem pretende ser exaustivo ou conclusivo. O empreendimento é colossal. Quarenta dos escritores mais capazes foram incumbidos dessa tarefa. São pessoas treinadas com propósito sério, dedicação sincera e devoção suprema. Os patrocinadores e editores, bem como todos os colaboradores, oram com fervor para que esta nova contribuição entre os comentários da Bíblia seja útil a pregadores, professores e leigos na descoberta do significado mais profundo da Palavra de Deus e na revelação de sua mensagem a todos que a ouvirem.

— G. B. Williamson

Agradecimentos

Somos gratos pela permissão para citar material protegido por direitos autorais, cuja relação apresentamos a seguir:

- Abingdon Press, *The Interpreter's Bible*, editado por George A. Buttrick, *et al.*, Volumes 1 e 2; e *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, editado por George A. Buttrick, *et al.*
- John Knox Press, *The Layman's Bible Commentary*, editado por Balmer H. Kelly, *et al.*
- Moody Press, *The Wycliffe Bible Commentary*, editado por Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison.
- Fleming H. Revell Company, *An Exposition of the Whole Bible*, de G. Campbell Morgan; *The Book of Leviticus*, de Charles R. Erdman.
- Soncino Press, *The Pentateuch and Haftorahs*, editado por J. H. Hertz.

O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) cita as seguintes versões bíblicas inglesas protegidas por direitos autorais:

- *The Amplified Old Testament*. Copyright 1964, Zondervan Publishing House.
- *The Berkeley Version in Modern English*. Copyright 1958, 1959, Zondervan Publishing House.
- *The Bible: A New Translation*, James Moffatt. Copyright 1950, 1952, 1953, 1954 de James A. R. Moffatt. Usado com a permissão de Harper & Row.
- *The Bible: An American Translation*, J. M. Powis Smith, Edgar J. Goodspeed. Copyright 1923, 1927, 1948 de The University of Chicago Press.
- *Revised Standard Version of the Holy Bible*. Copyright 1946 e 1952 pela Division of Christian Education of the National Council of Churches.
- *The Basic Bible: Containing the Old and New Testaments in Basic English*. Copyright 1950 de E. P. Dutton & Company, Incorporated.

Citações e Referências

O tipo **negrito** na exposição de todo este comentário indica a citação bíblica extraída da versão feita por João Ferreira de Almeida, edição de 1995, Revista e Corrigida (RC). Referências a outras versões bíblicas são colocadas entre aspas seguidas pela indicação da versão.

Nas referências bíblicas, uma letra (a, b, c, etc.) designa parte de frase dentro do versículo. Quando nenhum livro é citado, compreende-se que se refere ao livro sob análise.

Dados bibliográficos sobre uma obra citada por um escritor podem ser encontrados consultando a primeira referência que o autor fez à obra ou reportando-se à bibliografia.

As bibliografias não têm a pretensão de serem exaustivas, mas são incluídas para fornecer dados de publicação completos para os volumes citados no texto.

Referências a autores no texto ou a inclusão de seus livros na bibliografia não constitui endosso de suas opiniões. Toda a leitura no campo da interpretação bíblica deve ter característica discriminadora e ser feita de modo reflexivo.

Como Usar o Comentário Bíblico Beacon

A Bíblia é um livro para ser lido, entendido, obedecido e compartilhado com as pessoas. O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) foi planejado para auxiliar dois destes quatro itens: o entendimento e o compartilhamento.

Na maioria dos casos, a Bíblia é sua melhor intérprete. Quem a lê com a mente aberta e espírito receptivo se conscientiza de que, por suas páginas, Deus está falando com o indivíduo que a lê. Um comentário serve como valioso recurso quando o significado de uma passagem não está claro sequer para o leitor atento. Mesmo depois de a pessoa ter visto seu particular significado em determinada passagem da Bíblia, é recompensador descobrir que outros estudiosos chegaram a interpretações diferentes no mesmo texto. Por vezes, esta prática corrige possíveis concepções errôneas que o leitor tenha formado.

O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) foi escrito para ser usado com a Bíblia em mãos. Muitos comentários importantes imprimem o texto bíblico ao longo das suas páginas. Os editores se posicionaram contra esta prática, acreditando que o usuário comum tem sua compreensão pessoal da Bíblia e, por conseguinte, traz em mente a passagem na qual está interessado. Outrossim, ele tem a Bíblia ao alcance para checar qualquer referência citada nos comentários. Imprimir o texto integral da Bíblia em uma obra deste porte teria ocupado aproximadamente um terço do espaço. Os editores resolveram dedicar este espaço a recursos adicionais para o leitor. Ao mesmo tempo, os escritores enriqueceram seus comentários com tantas citações das passagens em debate que o leitor mantém contato mental fácil e constante com as palavras da Bíblia. Estas palavras citadas estão impressas em tipo negrito para pronta identificação.

ESCLARECIMENTO DE PASSAGENS RELACIONADAS

A Bíblia é sua melhor intérprete quando determinado capítulo ou trecho mais longo é lido para descobrir-se o seu significado. Este livro também é seu melhor intérprete quando o leitor souber o que a Bíblia diz em outros lugares sobre o assunto em consideração. Os escritores e editores do *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) se esforçaram continuamente para proporcionar o máximo de ajuda neste campo. Referências cruzadas, relacionadas e cuidadosamente selecionadas, foram incluídas para que o leitor encontre a Bíblia interpretada e ilustrada pela própria Bíblia.

TRATAMENTO DOS PARÁGRAFOS

A verdade da Bíblia é melhor compreendida quando seguimos o pensamento do escritor em sua seqüência e conexões. As divisões em versículos com que estamos familiarizados foram introduzidas tardiamente na Bíblia (no século XVI, para o Novo Testamento, e no século XVII, para o Antigo Testamento). As divisões foram feitas às pressas e, por vezes, não acompanham o padrão de pensamento dos escritores inspirados. O

mesmo é verdadeiro acerca das divisões em capítulos. A maioria das traduções de hoje organiza as palavras dos escritores bíblicos de acordo com a estrutura de parágrafo conhecida pelos usuários da língua portuguesa.

Os escritores deste comentário consideraram a tarefa de comentar de acordo com este arranjo de parágrafo. Sempre tentaram responder a pergunta: O que o escritor inspirado estava dizendo nesta passagem? Os números dos versículos foram mantidos para facilitar a identificação, mas os significados básicos foram esboçados e interpretados nas formas mais amplas e mais completas de pensamento.

INTRODUÇÃO DOS LIVROS DA BÍBLIA

A Bíblia é um livro aberto para quem a lê refletidamente. Mas é entendida com mais facilidade quando obtemos um maior entendimento de suas origens humanas. Quem escreveu este livro? Onde foi escrito? Quando viveu o escritor? Quais foram as circunstâncias que o levaram a escrever? Respostas a estas perguntas sempre acrescentam mais compreensão às palavras das Escrituras.

Estas respostas são encontradas nas introduções. Nesta parte há um esboço de cada livro. A Introdução foi escrita para dar-lhe uma visão geral do livro em estudo, fornecer-lhe um roteiro seguro antes de você enfronhar-se no texto comentado e proporcionar-lhe um ponto de referência quando você estiver indeciso quanto a que caminho tomar. Não ignore o sinal de advertência: “Ver Introdução”. Ao final do comentário de cada livro há uma bibliografia para aprofundamento do estudo.

MAPAS, DIAGRAMAS E ILUSTRAÇÕES

A Bíblia trata de pessoas que viveram em terras distantes e estranhas para a maioria dos leitores dos dias atuais. Entender melhor a Bíblia depende, muitas vezes, de conhecer melhor a geografia bíblica. Quando aparecer o sinal: “Ver Mapa”, você deve consultar o mapa indicado para entender melhor os locais, as distâncias e a coordenação de tempo relacionados com a época das experiências das pessoas com quem Deus estava lidando.

Este conhecimento da geografia bíblica o ajudará a ser um melhor pregador e professor da Bíblia. Até na apresentação mais formal de um sermão é importante a congregação saber que a fuga para o Egito era “uma viagem a pé, de uns 320 quilômetros, em direção sudoeste”. Nos grupos informais e menores, como classes de escola dominical e estudos bíblicos em reuniões de oração, um grande mapa em sala de aula permite o grupo ver os lugares tanto quanto ouvi-los ser mencionados. Quando vir estes lugares nos mapas deste comentário, você estará mais bem preparado para compartilhar a informação com os integrantes da sua classe de estudo bíblico.

Diagramas que listam fatos bíblicos em forma de tabela e ilustrações lançam luz sobre as relações históricas da mesma forma que os mapas ajudam com o entendimento geográfico. Ver uma lista ordenada dos reis de Judá ou das aparições pós-ressurreição de Jesus proporciona maior entendimento de um item em particular dentro de uma série. Estes diagramas fazem parte dos recursos oferecidos nesta coleção de comentários.

O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) foi escrito tanto para o recém-chegado ao estudo da Bíblia como para quem há muito está familiarizado com a Palavra escrita. Os escritores e editores examinaram cada um dos capítulos, versículos, frases, parágrafos e palavras da Bíblia. O exame foi feito com a pergunta em mente: O que significam estas palavras? Se a resposta não é evidente por si mesma, incumbimo-nos de dar a melhor explicação conhecida por nós. Como nos saímos o leitor julgará, mas o convidamos a ler a explanação dessas palavras ou passagens que podem confundi-lo em sua leitura da Palavra escrita de Deus.

EXEGESE E EXPOSIÇÃO

Os comentaristas bíblicos usam estas palavras para descrever dois modos de elucidar o significado de uma passagem da Bíblia. *Exegese* é o estudo do original hebraico ou grego para entender que significados tinham as palavras quando foram usadas pelos homens e mulheres dos tempos bíblicos. Saber o significado das palavras isoladas, como também a relação gramatical que mantinham umas com as outras, serve para compreender melhor o que o escritor inspirado quis dizer. Você encontrará neste comentário esse tipo de ajuda enriquecedora. Mas só o estudo da palavra nem sempre revela o verdadeiro significado do texto bíblico.

Exposição é o esforço do comentarista em mostrar o significado de uma passagem na medida em que é afetado por qualquer um dos diversos fatos familiares ao escritor, mas, talvez, pouco conhecidos pelo leitor. Estes fatos podem ser: 1) O contexto (os versículos ou capítulos adjacentes), 2) o pano de fundo histórico, 3) o ensino relacionado com outras partes da Bíblia, 4) a significação destas mensagens de Deus conforme se relacionam com os fatos universais da vida humana, 5) a relevância destas verdades para as situações humanas exclusivas à nossa contemporaneidade. O comentarista busca explicar o significado pleno da passagem bíblica sob a luz do que melhor compreende a respeito de Deus, do homem e do mundo atual.

Certos comentários separam a exegese desta base mais ampla de explicação. No *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) os escritores combinaram a exegese e a exposição. Estudos cuidadosos das palavras são indispensáveis para uma compreensão correta da Bíblia. Mas hoje, tais estudos minuciosos estão tão completamente refletidos em várias traduções atuais que, muitas vezes, não são necessários, exceto para aumentar o entendimento do significado teológico de certa passagem. Os escritores e editores desta obra procuraram espelhar uma exegese verdadeira e precisa em cada ponto, mas discussões exegéticas específicas são introduzidas primariamente para proporcionar maior esclarecimento no significado de determinada passagem, em vez de servir para engajar-se em discussão erudita.

A Bíblia é um livro prático. Cremos que Deus inspirou os homens santos de antigamente a declarar estas verdades, para que os leitores melhor entendessem e fizessem a vontade de Deus. O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) tem a incumbência primordial de ajudar as pessoas a serem mais bem-sucedidas em encontrar a vontade de Deus conforme revelada nas Escrituras — descobrir esta vontade e agir de acordo com este conhecimento.

AJUDAS PARA A PREGAÇÃO E O ENSINO DA BÍBLIA

Já dissemos que a Bíblia é um livro para ser compartilhado. Desde o século I, os pregadores e professores cristãos buscam transmitir a mensagem do evangelho lendo e explicando passagens seletas da Bíblia. O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) procura incentivar este tipo de pregação e ensino expositivos. Esta coleção de comentários contém mais de mil sumários de esboços expositivos que foram usados por excelentes pregadores e mestres da Bíblia. Escritores e editores contribuíram ou selecionaram estas sugestões homiléticas. Esperamos que os esboços indiquem modos nos quais o leitor deseje expor a Palavra de Deus à classe bíblica ou à congregação. Algumas destas análises de passagens para pregação são contribuições de nossos contemporâneos. Quando há esboços em forma impressa, dão-se os autores e referências para que o leitor vá à fonte original em busca de mais ajuda.

Na Bíblia encontramos a verdade absoluta. Ela nos apresenta, por inspiração divina, a vontade de Deus para nossa vida. Oferece-nos orientação segura em todas as coisas necessárias para nossa relação com Deus e, segundo sua orientação, para com nosso semelhante. Pelo fato de estas verdades eternas nos terem chegado em língua humana e por mentes humanas, elas precisam ser colocadas em palavras atuais de acordo com a mudança da língua e segundo a modificação dos padrões de pensamento. No *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) nos empenhamos em tornar a Bíblia uma lâmpada mais eficiente para os caminhos das pessoas que vivem no presente século.

A. F. HARPER

Abreviaturas Usadas neste Comentário

ARA — Almeida, Revista e Atualizada
ASV — American Standard Revised Version*
ATA — Antigo Testamento Amplificado*
BA — Bíblia Amplificada*
BBE — The Basic Bible Containing the Old and New Testaments in Basic English*
CBB — Comentário Bíblico Beacon
CWB — Commentary on the Whole Bible*
ERV — English Revised Version*
IB — Interpreter's Bible*
ICC — The International Critical Commentary*
IDB — The Interpreter's Dictionary of the Bible*
LXX — Septuaginta
NBC — The New Bible Commentary*
NBD — The New Bible Dictionary*
NTLH — Nova Tradução na Linguagem de Hoje
NVI — Nova Versão Internacional
PC — The Pulpit Commentary*
RSV — Revised Standard Version*
TDNT — Theological Dictionary of the New Testament*
VBB — Versão Bíblica de Berkeley*

* Neste caso, a tradução do conteúdo destas obras foi feita pelo tradutor desde comentário. (N. do T.)

a.C. — antes de Cristo
cap. — capítulo
caps. — capítulos
cf. — confira, compare
d.C. — depois de Cristo
e.g. — por exemplo
ed. cit. — edição citada
esp. — especialmente, sobretudo
et al. — e outros
gr. — grego
hb. — hebraico
i.e. — isto é
ib. — na mesma obra, capítulo ou página

lit. — literalmente
N. do E. — Nota do Editor
N. do T. — Nota do Tradutor
op. cit. — obra citada
p. — página
pp. — páginas
s. — e o seguinte (versículo ou página)
ss. — e os seguintes (versículos ou páginas)
tb. — também
v. — versículo
ver — veja
vv. — versículos

Sumário

VOLUME 1

O PENTATEUCO	19
GÊNESIS	23
Introdução	25
Comentário	31
Notas	128
Bibliografia	132
ÊXODO	135
Introdução	137
Comentário	140
Notas	240
Bibliografia	248
LEVÍTICO	251
Introdução	253
Comentário	258
Notas	315
Bibliografia	318
NÚMEROS	321
Introdução	323
Comentário	327
Notas	397
Bibliografia	406
DEUTERONÔMIO	409
Introdução	411
Comentário	415
Notas	494
Bibliografia	501
MAPAS, DIAGRAMAS E ILUSTRAÇÕES	504
Autores deste volume	511

O Pentateuco

A Bíblia começa com um grupo de cinco livros de importância capital. Conhecemos como “Pentateuco”, palavra derivada de um termo grego que significa “livro de cinco partes”. Desde os primórdios, Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio são reconhecidos como o cerne do cânon do Antigo Testamento.

O Pentateuco é a primeira das três divisões principais da Bíblia dos hebreus. É conhecido por *Torá* ou Lei, termo que também inclui a idéia de “ensino, instrução ou orientação”.

A própria Bíblia descreve a Torá (ou porções dela) como “neste livro da Lei” (Dt 29.21; 30.10); “este livro da Lei” (Dt 31.26); “livro desta Lei” (Dt 28.61; Js 1.8); “livro da Lei de Moisés” (Js 8.31; 23.6; 2 Rs 14.6), que são expressões equivalentes a “livro da Lei” (Js 8.34) ou “livro de Moisés” (2 Cr 35.4).

O título “livro da Lei do SENHOR” (2 Cr 17.9) era usado no tempo do rei Josafá para ensinar o povo. O rolo de papel descoberto pelo sacerdote Hilquias no Templo é descrito como “livro da Lei” (2 Rs 22.8,11), “livro do concerto” (2 Rs 23.2,21; 2 Cr 34.30), “livro da Lei do SENHOR, dada pelas mãos de Moisés” (2 Cr 34.14) e “livro de Moisés” (2 Cr 35.12).

O texto de Esdras 6.18 fala do “livro de Moisés”. “Livro da Lei de Moisés”, “livro da Lei”, “livro da Lei de Deus”, “livro, na Lei de Deus” e “livro da Lei do SENHOR, seu Deus” são expressões usadas nas passagens paralelas de Neemias 8.1,3,8,18 e 9.3. Os dizeres de Neemias 13.1 identificam que o trecho de Deuteronômio 23.3-5 é proveniente do “livro de Moisés”. O nome “Lei de Moisés” é mencionado em 1 Reis 2.3 e Daniel 9.13.

O Novo Testamento alude igualmente a “livro de Moisés” (Mc 12.26) e “lei de Moisés” (1 Co 9.9) e atribui mandamentos e declarações autorizados a Moisés (Mt 19.7; 22.24; Mc 7.10; 10.3; At 3.22; Rm 9.15; 10.19). Há também numerosas referências no Novo Testamento à “lei” como um tribunal de apelação final.

CONTEÚDO E FORMA

Os livros do Pentateuco contêm vários tipos diferentes de material. Há história (Gênesis), legislação (Êxodo), ritual (Levítico), governo (Números) e retórica (Deuteronômio) com muitas combinações e sobreposições de tipos literários. O registro histórico abrange um tremendo período de tempo — da criação do mundo à morte de Moisés, intervalo mais longo que todas as demais histórias bíblicas juntas.

O fato de cada um dos cinco livros da lei ser uma unidade literária mostra-se por terem sido originariamente preparados como livros distintos e pelo fato de cada um ter quase o comprimento máximo possível de ser acondicionado em um antigo rolo de papel. Os livros estão obviamente relacionados em continuidade de seqüência histórica e por sua ordem necessária. Depois do Gênesis, cada livro pressupõe aquele ou aqueles que o precedem.

AUTORIA

O problema da autoria dos livros do Pentateuco é complexo. No próprio texto bíblico, estes livros são anônimos e não contêm nada que indique a autoria de qualquer um deles. A antiga tradição judaico-cristã credita-os em sua totalidade a Moisés. Os próprios livros atribuem partes de Êxodo e Números, e grande parte de Deuterônimo, diretamente à autoria de Moisés, e os estudiosos conservadores não encontram razão para questionar tais declarações (Êx 24.4; 34.28; Nm 33.2; Dt 1.1; 4.44; 5.1; 27.1; 29.1; 31.1,9,22,30; 32.44; 33.1).

Por outro lado, o texto nas referências citadas acima faz diferença entre o que Moisés escreveu ou falou e o que foi escrito sobre ele. Há também alguns elementos não-mosaicos que uma leitura atenta torna evidente. As palavras de Gênesis 14.14 contêm o nome “Dã” para referir-se ao lugar até aonde Abraão perseguiu os cinco reis que tinham invadido Sodoma. Este nome foi dado somente no tempo dos juízes (Jz 18.29), o que implica que este versículo foi escrito (ou editado) depois do tempo de Moisés.

Gênesis 36.31 fala dos reis de Edom que reinaram “antes que reinasse rei algum sobre os filhos de Israel”, palavras que indicam tempo de escrita posterior à coroação de Saul (1 Sm 8.5ss.).

A descrição do trabalho de Moisés em Êxodo, Levítico e Números está na terceira pessoa, muito diferente da narrativa registrada em primeira pessoa nos discursos de Moisés em Deuterônimo. Há duas homenagens bem merecidas feitas ao grande legislador que devem ter sido escritas por outra pessoa. A primeira está registrada em Êxodo 11.3: “Também o varão Moisés era mui grande na terra do Egito”, e a outra em Números 12.3: “Era o varão Moisés mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra”.

As palavras de Êxodo 16.35: “E comeram os filhos de Israel maná quarenta anos, até que entraram em terra habitada; comeram maná até que chegaram aos termos da terra de Canaã”, só poderiam ter sido escritas depois da morte de Moisés e do cruzamento do rio Jordão (Js 5.10-12), visto que o ato de comer o maná é narrado no tempo passado.

O texto de Números 21.14,15 faz citações do “livro das Guerras do SENHOR”. Este era compreensivelmente um livro de poesia que descrevia os atos de Deus em prol do seu povo durante os anos de peregrinação no deserto. Nada é conhecido fora desta alusão. Pode ter sido um dos escritos do próprio Moisés.

O trecho de Números 32.34-42 descreve as cidades construídas pelas tribos de Rúben, Gade e Manassés no território que receberam no lado oriental do rio Jordão. Eles não possuíram este território senão depois da conquista de Canaã, na qual tiveram grande participação (Js 22.1-9).

Deuterônimo 2.10-12,20-23 são passagens parentéticas acrescentadas posteriormente para explicar o significado de termos e condições que já não estavam em voga. O relato da morte de Moisés em Deuterônimo 34.1-12 foi escrito aparentemente depois do surgimento dos profetas (Dt 32.10), durante os dias de Samuel.

Citações em outros lugares da Bíblia ao que Moisés escreveu remontam ao Livro de Deuterônimo, com a possível exceção de Esdras 6.18, que determina passagens de Números ao “livro de Moisés”; e de Marcos 12.26, que cita o “livro de Moisés” para aludir à narrativa que Êxodo faz da chamada de Moisés na sarça ardente. Nestas referências, é

ao menos possível que a expressão “livro de Moisés” signifique “livro sobre Moisés” ou “livro baseado na autoridade de Moisés”. Por exemplo, 1 e 2 Samuel são nomeados conforme o nome deste grande profeta, embora sua morte seja registrada em 1 Samuel 25.1, muitos anos antes de ocorrerem os eventos de 2 Samuel.

Considerações como estas, em vez das reavaliações da moderna crítica literária e histórica, levam os estudiosos conservadores às precauções sensatas expressas pelo Prof. G. Aalders na sua marcante obra, *A Short Introduction to the Pentateuch* (Breve Introdução ao Pentateuco). O importante é o reconhecimento da autenticidade e integridade desta porção tão significativa da Palavra de Deus.

O consenso da tradição bíblica estabelece a certeza da autoridade mosaica do Pentateuco. Quando este fato é distintamente reconhecido, a questão quanto a quem de fato escreveu os livros pode ser deixada com segurança onde Orígenes deixou o problema da autoria de *Hebreus*: “Só Deus sabe”.

Estudantes interessados encontrarão a posição conservadora firmemente declarada no livro do Prof. Aalders mencionado acima (Chicago: InterVarsity Christian Fellowship, s.d.); Oswald T. Allis, *The Five Books of Moses* (Filadélfia: The Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1949); David A. Hubbard, “Pentateuch”, *The New Bible Dictionary*, editado por J. D. Douglas (Londres: InterVarsity Fellowship, 1962), pp. 957-964; como também no breve exame feito por Aalders em “The Historical Literature of the Old Testament”, *The New Bible Commentary*, editado por Francis Davidson (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1956), pp. 31-34.

W. T. Purkiser

O Livro de
GÊNESIS

George Herbert Livingston, B.D., Ph.D.

Introdução

A. Título

No Antigo Testamento hebraico, a primeira palavra do texto, *bereshit*, “no princípio”, serve de título para o livro de Gênesis. Tomar a primeira frase ou palavra de uma obra literária para denominá-la era prática comum no antigo Oriente Próximo. A tradução grega chamada Septuaginta (LXX) toscamente igualou este termo de abertura com a palavra *gênesis*, que significa “origem ou fonte”. A palavra grega permaneceu em nossas versões bíblicas, porque descreve notavelmente bem o conteúdo do livro. É o livro dos começos: o começo do universo, do homem, do pecado, da salvação, da nação hebraica, da aliança com os homens.

Martinho Lutero foi o primeiro a anexar ao título antigo a frase: “O Primeiro Livro de Moisés”, mantida na maioria das versões bíblicas. Lutero a considerou apropriada visto que o Livro de Gênesis é o primeiro dos livros do Pentateuco e Moisés fora tradicionalmente considerado o autor de todos os cinco livros.

B. Autoria

Uma breve discussão da autoria não faz justiça à massa de literatura sobre o assunto nem à complexidade dos problemas. A controvérsia gira em torno da questão se o Livro de Gênesis, como o conhecemos em todos os manuscritos existentes, foi produto de Moisés e seu tempo ou de escritores desconhecidos em uma época muito posterior. Ao longo dos últimos dois séculos, os estudiosos se dividem entre os que aceitam a autoria ou autoridade mosaica e os que consideram que o material do Livro de Gênesis é trabalho de muitos “autores” desconhecidos (ver análise em “O Pentateuco”).

O texto do livro não menciona o nome de Moisés e, como dito anteriormente, foi Lutero (1483-1546) quem juntou ao título a anotação sobre Moisés. Levando em conta que o derradeiro acontecimento narrado em Gênesis ocorre muito tempo antes dos dias de Moisés, os estudiosos ortodoxos defendem que ele modelou o material antigo em sua forma atual. Esta opinião se baseia principalmente nas seguintes evidências internas: a) nos outros quatro livros do Pentateuco, no sentido de que vieram de Moisés ou pelo menos do seu tempo de vida e sob sua direção; b) no restante do Antigo Testamento, o qual liga a Moisés o conteúdo de todo o Pentateuco; e c) no Novo Testamento, que afirma serem os livros do Pentateuco (principalmente Deuteronômio) da autoria de Moisés.

C. Data e Composição

Estes itens estão estreitamente relacionados com a discussão da autoria, portanto, todos os três devem, de certo modo, ser tratados juntos.

Atribui-se a Johann Eichhorn, professor na Universidade de Iena, Alemanha, em fins do século XVIII, a rejeição da amplamente aceita autoria mosaica do Pentateuco. Ele fundamentou seus argumentos em duas supostas fontes para o Livro de Gênesis

rotuladas de *J*, para aludir a Jeová, e *E*, para Elohim, as quais, segundo ele, vieram a existir depois do tempo de Moisés. Na verdade, esta análise de fonte foi feita pela primeira vez por uma médica francesa, Jean Astruc, várias décadas antes de Eichhorn. Nos primeiros três quartos do século XIX, os professores alemães discutiam se havia muitas fontes, duas fontes ou apenas uma fonte para o Livro de Gênesis. Eles dataram estas fontes ao longo de todo o tempo entre Salomão e Esdras. Usando como indícios a ocorrência de diversos nomes divinos, as diferenças de vocabulário e a suposta divergência de pontos de vista teológicos, a controvérsia predominou entre uma história de composição fragmentada e uma unidade básica em construção.

Julius Wellhausen¹ foi o primeiro a popularizar com êxito a idéia de três fontes principais em Gênesis: *J* (fonte jeovista), *E* (fonte eloísta) e *P* (fonte sacerdotal [“p” de *Priestercodex*]). A fonte *J* era datada do século IX a.C.; a *E* era datada do século VIII a.C.; e a *P* era datada do século V a.C. Esta visão se tornou padrão entre seus seguidores e altamente popular nos círculos protestantes e judaicos em todo o mundo ocidental. A Igreja Católica Romana reagiu negativamente à teoria.

Hermann Gunkel² procurou estender-se sobre a posição de Wellhausen examinando as formas literárias da antiga maneira de contar histórias conforme ilustrada em Gênesis. Ele concluiu que, antes de 1000 a.C., houve um longo período de transmissão oral de grande parte do conteúdo do Livro de Gênesis antes de ser solidificado nos denominados documentos *J*, *E* e *P*.

Em anos mais recentes, os estudiosos que rejeitam a autoria mosaica são mais favoráveis à idéia de um longo período de desenvolvimento da tradição oral em torno dos centros tribal e cultural, em vez da existência de fontes escritas. Otto Eissfeldt³ foi o proponente principal desta abordagem. Houve também a tendência a considerar que o livro foi concluído nos tempos do exílio e que possui um caráter substancialmente mosaico. W. F. Albright defendeu esta posição.⁴

Os estudiosos conservadores consistentemente defendem que a teoria descrita acima é inaceitável, sendo incentivados pelo volume de evidências contrárias fornecidas pelos estudos no antigo Oriente Próximo. Com vigor renovado, insistem que evidências descobertas mais recentemente tornam possível e altamente provável a composição de Gênesis na época de Moisés. Vários manuscritos, inclusive o tipo alfabético, estavam em uso séculos antes dos dias de Moisés, produzindo-se uma grande quantidade de literatura, grande parte dela significativa para os estudos em Gênesis. Sabe-se hoje que a transmissão oral de recordações importantes, sobretudo as pertinentes à santidade, tem um grau de precisão não menos que espantosa.

Cada vez mais os estudiosos defendem que o conteúdo de Gênesis 1 a 11 deve ter entrado na coletânea de fatos e tradições hebraicas antes do tempo de Abraão. Atualmente, aceita-se que a orientação social, econômica e política das histórias dos patriarcas está solidamente arraigada no período de 2000 a 1500 a.C.⁵ A única barreira tem a ver com a teologia. Há um reconhecimento crescente de que crenças monoteístas predominavam entre os hebreus nos dias de Moisés,⁶ mas só os estudiosos conservadores ousam asseverar que o monoteísmo era desde o início a fé dos patriarcas.⁷

A questão se resolve em uma pergunta básica: Gênesis era mosaico ou uma miscelânea de composição e origem? Este comentário sustenta a posição conservadora de que Gênesis é mosaico em sua composição e data.

D. Estrutura

O Livro de Gênesis tem uma introdução (1.1—2.3) e dez divisões, cada uma das quais introduzida pela palavra hebraica *toledot* (“gerações, origens”), que os estudiosos admitem ter o significado de “história, conto ou relato” em vez de simplesmente genealogia. Estas divisões ocorrem em 2.4; 5.1; 6.9; 10.1; 11.10; 11.27; 25.12; 25.19; 36.1; 37.2. O livro também pode ser dividido em duas seções principais: a primeira de 1.1 a 11.26 e a segunda de 11.27 até o fim. A primeira destas divisões lida basicamente com as origens primevas, e a segunda, com o estabelecimento da relação de concerto de Deus com os antepassados do povo hebraico. Ou conforme G. C. Morgan,⁸ as divisões podem ser vistas em três partes. A primeira divisão seria de 1.1 a 2.25, que se ocupa da geração; a segunda seria de 3.1 a 11.32, que lida com a degeneração; e a terceira seria de 12.1 a 50.26, que se centraliza na regeneração.

Depois do relato introdutório da criação, o livro se concentra fundamentalmente em homens importantes e seus descendentes. Estes homens são Adão, Noé, Abraão, Isaque, Jacó e José. Personagens de menor importância relacionados a estes indivíduos notáveis são tratados pelo simples alistamento de suas genealogias.

Em Gênesis, há um movimento seqüencial que passa do universal para o específico. A história da criação do universo concentra a atenção em Adão e sua esposa, Eva; depois se estende para traçar de modo incompleto o aumento dos seus descendentes pelas linhagens de Caim e de Sete. Tendo descrito vigorosamente a corrupção destes povos em 6.1-4, o relato anuncia a decisão do Todo-poderoso em puni-los por meio de um grandioso dilúvio, mas, ao mesmo tempo, salvar um remanescente dando proteção a Noé e sua família numa arca. Os descendentes de Noé também são apresentados no aumento numérico e na expansão via migração através de uma lista genealógica. Abraão vem em primeiro plano.

Geograficamente, os primeiros onze capítulos são direcionados ao vale mesopotâmico (ver Mapa 1). Depois da resposta de Abraão ao chamado de Deus para se mudar, as histórias relacionadas a ele estão centralizadas principalmente em Canaã (ver Mapa 2), com apenas algumas histórias ligadas ao Egito ou a sua antiga casa em Harã. Com exceção de ter uma esposa de Harã, Isaque é completamente limitado à vida em Canaã, mas Jacó passou vinte anos em Harã e os últimos anos de vida no Egito, embora na juventude e meia-idade estivesse em Canaã. Exceto por sua juventude, José passou seus anos de maturidade no Egito, parte numa prisão e parte como poderoso funcionário do governo.

E. Propósito e Mensagem

O propósito principal do Livro de Gênesis é mostrar como Deus escolheu o povo de Israel para ter uma relação de concerto com Ele. Essa escolha se revela na forma em que Ele lidou com os progenitores dos israelitas. Ainda que haja semelhanças notáveis entre outros escritos antigos e as histórias bíblicas da criação, da queda do homem e do dilúvio, o interesse bíblico na origem do universo é basicamente teológico. Seu empenho é declarar que todas as coisas procedem e são sustentadas por um Deus Criador. O politeísmo e suas nuances são deliberadamente ignorados.

No Livro de Gênesis, o interesse na origem do homem e na origem do pecado diz respeito fundamentalmente à natureza do relacionamento entre o homem e Deus, tanto em sua comunhão original quanto em sua posterior oposição negativa e desobediente à vontade de Deus. O relacionamento original sempre é considerado como o ideal e a meta de todos os procedimentos futuros de Deus com o homem. As misericórdias de Deus são estendidas aos homens para que o relacionamento positivo seja restabelecido pela atividade salvadora de Deus, a qual é determinada num sistema de concerto. Os vislumbres da realização futura dos propósitos redentores de Deus são orientados para um grande cumprimento de uma reconciliação não só individual, mas também nacional, internacional e universal entre Deus e o homem. Por conseguinte, os temas messiânicos na parte final do Antigo Testamento e no Novo Testamento são encontrados em Gênesis.

Do ponto de vista teológico, o teor de Gênesis é inflexivelmente monoteísta. O paganismo não é abertamente questionado ou rejeitado; é amplamente ignorado. Gênesis descreve somente exemplos limitados da prática idólatra, os quais são repudiados indiretamente (como em Gênesis 22) ou diretamente (como em Gênesis 23). A análise racional e o ímpeto religioso do paganismo na Mesopotâmia, em Canaã e no Egito estão quase que totalmente ausentes.

O número limitado de temas religiosos e locuções literárias, que são encontrados tanto na antiga literatura mesopotâmica quanto no material em Gênesis, é incidental para os principais destaques das histórias de Gênesis. Eles tiveram sua importância largamente sobreestimada por alguns estudiosos do Antigo Testamento.

O Livro de Gênesis desafia a validade do politeísmo, do dualismo, do deísmo e do panteísmo, não pela análise negativa de suas fraquezas, mas pela afirmação positiva da unidade, soberania e realidade pessoal divina. Em Gênesis, há a apresentação das qualidades pessoais e dinâmicas da relação divino-humana dentro do concerto, sobretudo na forma narrativa e, secundariamente, por meio de resumos genealógicos.

Esboço

I. CRISES INDIVIDUAIS E DECADÊNCIA COLETIVA, 1.1—11.26

- A. O Criador em Ação, 1.1—2.3
- B. O Criador em Relação à Criação, 2.4—3.24
- C. O Assassinato e Seu Resultado, 4.1-24
- D. A Expansão de um Novo Começo, 4.25—6.8
- E. A Corrupção Universal e Seu Resultado, 6.9—11.26

II. ABRAÃO, O HOMEM QUE DEUS ESCOLHEU, 11.27—25.11

- A. As Relações da Família de Tera, 11.27-32
- B. Estrangeiro em Nova Terra, 12.1—14.24
- C. O Concerto de Deus com Abraão, 15.1—17.27
- D. A Espera pelo Verdadeiro Filho, 18.1—20.18
- E. Antigas Lealdades Testadas, 21.1—22.19
- F. Assumindo Responsabilidades por Outros, 22.20—25.11

III. ISMAEL, O HOMEM QUE DEUS SEPAROU, 25.12-18

IV. ISAQUE, O HOMEM CUJA VIDA DEUS POUPOU, 25.19—28.9

- A. Um Guisado em troca do Direito de Primogenitura, 25.19-34
- B. O Procedimento de Isaque com seus Vizinhos, 26.1-33
- C. Isaque e sua Família, 26.34—28.9

V. JACÓ, O HOMEM QUE DEUS REFEZ, 28.10—35.29

- A. Confrontado por Deus, 28.10-22
- B. Amor Frustrado não Morre, 29.1-30
- C. Dolorosa Competição, 29.31—30.24
- D. Pastores Inteligentes, 30.25—31.55
- E. Profunda Crise Espiritual, 32.1-32
- F. Irmãos Conciliados, 33.1-17
- G. Tragédia em Siquém, 33.18—34.31
- H. O Concerto Renovado em Betel, 35.1-15
- I. Viagem Toldada pela Tristeza, 35.16-29

VI. ESAÚ, O HOMEM QUE ACEITOU DE VOLTA SEU IRMÃO, 36.1-43

- A. As Esposas de Esaú e seus Filhos, 36.1-8
- B. Os Filhos e Netos de Esaú, 36.9-14
- C. A Proeminência dos Descendentes de Esaú, 36.15-19
- D. Os Filhos dos Moradores das Cavernas, 36.20-30
- E. Os Reis de Edom, 36.31-39
- F. As Regiões onde os Edomitas Habitavam, 36.40-43

VII. JOSÉ, o HOMEM QUE DEUS PROTEGEU, 37.1—50.26

- A. Vendido como Escravo, 37.1-36
- B. A Frouxidão Moral de Judá, 38.1-30
- C. As Provações de José no Egito, 39.1—40.23
- D. A Dramática Ascensão de José ao Poder, 41.1-57
- E. Problemas Misteriosos no Egito, 42.1—45.28
- F. O Novo Lar no Egito, 46.1—47.31
- G. Visões do Futuro, 48.1—50.26

SEÇÃO I

CRISES INDIVIDUAIS E DECADÊNCIA COLETIVA

Gênesis 1.1—11.26

Em uma série de histórias e genealogias altamente condensada, esta seção do livro trata da origem do universo, da origem da ordem nesta terra, da origem da vida, da origem do homem, da origem do pecado, da violência e desordem, e da origem das diferenças nacionais e lingüísticas.

A. O CRIADOR EM AÇÃO, 1.1—2.3

Pela brevidade e beleza da composição e do estilo, esta vinheta sobre a criação é inigualável. O Deus-Criador domina a cena. Ele fala e imediatamente se forma a ordem, proporcionando um belo lugar de habitação e de abundantes suprimentos para a criação mais sublime de todas: o homem. Majestade e poder marcam cada sentença.

1. *O Ato Inicial* (1.1,2)

Em resposta à pergunta “Quem fez todas as coisas?”, a Bíblia declara ousadamente: **Deus... criou** (1). Em resposta à pergunta “Quem é anterior e maior que todas as coisas?”, com igual ousadia a Bíblia anuncia: **No princípio... Deus.**¹ O céu e a terra não são Deus nem deuses; nem é Deus igual à natureza. Deus é o Criador e a natureza é seu trabalho manual.

Embora feita por Deus, a terra não estava pronta para o homem. Ainda estava em desordem, **sem forma e vazia** (2), e não havia luz. Contudo, havia atividade. **O Espírito de Deus** se movia continuamente sobre a face **das águas**.

2. *O Dia da Luz e das Trevas* (1.3-5)

Energia é necessidade vital para o hábitat do homem, e luz é energia. Por conseguinte, a primeira ordem de Deus foi: **Haja luz** (3). A ênfase na palavra falada de Deus é tão grande que cada dia criativo começa com uma ordem ou expressão da vontade divina.² Em seguida, ocorre a execução da ordem e a declaração culminante: **Era bom** ou equivalente (e.g., 4,10,18).

3. *O Dia das Águas Divididas* (1.6-8)

As águas foram separadas, e acima da terra havia uma **expansão** (6). A palavra *expansão* ou *firmamento* transmite a idéia de solidez.³ Contudo, a ênfase na palavra hebraica original *raqia* não está no material em si, mas no ato de expandir-se ou na condição de estar expandido. Por isso, a palavra “expansão” é muito apropriada.

Em diversos lugares do Antigo Testamento, o ato de estender os céus é proeminente (ver Jó 9.8; 26.7; Sl 104:2; Is 45.12; 51.13; Jr 51.15; Zc 12.1). A evidência de que Deus é o Criador acha-se no ato de estender e não no caráter do que foi formado.⁴ Ao longo do Antigo Testamento, o interesse se centraliza nas relações de Deus com a natureza e o homem. Deus é o Criador, e a partir desta declaração o Antigo Testamento passa a mostrar que a natureza é uma criatura e uma ferramenta. Do mesmo modo, Deus julga, livra e cuida do homem.

4. *O Dia da Terra e do Mar* (1.9-13)

O terceiro ato de Deus dizia respeito à formação de um futuro hábitat para o homem, que é criatura da terra. O alimento para o homem, a vegetação, cresce na terra. Sob a ordem de Deus, terra e mar se separaram, e forma, vida e beleza enfeitaram a terra. O texto não descreve como estas separações ocorreram, nem há uma lista das forças dinâmicas e naturais envolvidas. Ao invés disso, a relação de um Criador poderoso com uma criatura obediente e flexível é o tempo todo, e claramente, mantida diante do leitor.

Dramaticamente, Deus se voltou para a terra agora visível e deu-lhe ordens. **Apareça a porção seca** (11) não era admissão de que as substâncias inorgânicas possuíam o poder inerente de produzir vida.⁵ Muito pelo contrário, a vida em si acha-se, no final das contas, na palavra criativa de Deus e imediatamente surge em resposta à sua ordem.

Seguindo um padrão de pares — luz e trevas, águas que estavam sobre e águas que estavam debaixo, terra e mares —, agora ocorre uma série de grupos de três. **Erva, erva dando semente... e árvore frutífera** (12) são agrupamentos muito generalizados e não devem ser considerados classificações botânicas no sentido moderno.

A frase **conforme a sua espécie**⁶ indica limites aos poderes de reprodução. Mas não fornece um projeto que esboça linhas limítrofes. O destaque está na segurança observável da natureza: trevo produz trevo, trigo produz trigo, etc. **E assim foi** (11) — e ainda é.

5. *O Dia dos Dois Luminares* (1.14-19)

Os pagãos adoravam o sol, a lua e as estrelas como deuses e deusas de poder formidável. Na narrativa deste dia da criação, o **luminar maior** (16) e o **luminar menor** nem mesmo são nomeados. Em poucas sentenças hábeis, o autor descreve a criação des-

tes corpos celestes, os quais, depois, são incumbidos de executar certas tarefas nos céus.⁷ Eles possuem uma dignidade de governo e nada mais. As **estrelas** também recebem não mais que uma menção honrosa. Que golpe contra o paganismo!

6. *O Dia dos Pássaros e dos Peixes* (1.20-23)

Pelo motivo de a luz e as trevas serem comuns a ambos os dias, o primeiro dia (3-5) e o quarto dia (14-19) estão relacionados. Também o segundo (6-8) e o quinto (20-23) estão relacionados no ponto em que lidam com a expansão, em cima, e as águas, embaixo. No quinto dia, Deus falou uma palavra para **as águas** (20), as quais produziram criaturas e pássaros encheram o ar. No versículo 21, vemos outra tríade: **as grandes baleias... todo réptil de alma vivente... e toda ave de asas**.

O texto não nos conta como **as águas** colaboraram com o Criador, mas para enfatizar a estreita ligação entre Deus e estas criaturas é empregado o verbo **criou**.⁸ As diferenças surpreendentes entre a vida botânica e a biológica são atribuídas a um ato divino. **Deus os abençoou** (22). No Antigo Testamento, a bênção divina é um ato criativo e uma capacitação para que aquele que a recebe cumpra seu destino segundo a vontade de Deus. Neste caso, a vontade de Deus é que as criaturas se reproduzam **abundantemente... conforme as suas espécies** (21). Este ato serviu para anular a condição anterior “vazia” (2).

7. *O Dia dos Animais e do Homem* (1.24-31)

Dando mais uma ordem: **Produza a terra alma vivente** (24), Deus encheu a terra de criaturas: **as bestas-feras da terra** (os animais selvagens, 25), **gado e... todo réptil que se move sobre a terra** (26).

Mas este dia teria a coroação do ato criativo. A deidade, em deliberação, disse: **Façamos o homem** (26).⁹ Esta criatura tinha de ser diferente. Deus disse que o **homem** tinha de ser feito **à nossa imagem**, tendo certa semelhança com a realidade, mas carecendo de plenitude. O homem devia ser **conforme a nossa semelhança**, tendo similitude geral com Deus, mas não sendo uma duplicata exata. Não era para ele ser um pequeno Deus, mas definitivamente tinha de estar relacionado com Deus e ser o portador das características distintivas espirituais que o marcam exclusivamente como ser superior aos animais.¹⁰

Em 1.26-30, encontramos “O Homem Feito à Imagem de Deus”. 1) Um ser espiritual apto para a imortalidade, 26ab; 2) Um ser moral que tem a semelhança de Deus, 27; 3) Um ser intelectual com a capacidade da razão e de governo, 26c,28-30 (G. B. Williamson).

Uma das marcas da **imagem** de Deus foi Ele ter dado ao homem o *status* e o poder de governante. O direito de o homem dominar (28) ressalta o fato de que Deus o equipou para agir como governante. A aptidão para governar implica em capacidade intelectual adequada para argumentar, organizar, planejar e avaliar. A aptidão para governar implica em capacidade emocional adequada para desejar o mais alto bem-estar dos súditos, apreciar e honrar o que é bom, verdadeiro e bonito, repugnar e repudiar o que é cruel, falso e feio, ter profunda preocupação pelo bem-estar de toda a natureza e amar a Deus que o criou. A aptidão para governar implica em capacidade volitiva adequada para escolher fazer a toda hora o que é certo, obedecer ao mandamento de Deus indiscutivelmente e sem demora, entregar alegremente todos os poderes a Deus em adoração jovial e participar em uma comunhão saudável com a natureza e Deus.

Deus criou o homem para ser uma pessoa que tivesse autoconsciência, autodeterminação e santidade interior (Ec 7.29; Ef 4.24; Cl 3.10). A imagem foi distribuída sem distinção de macho e fêmea, tornando-os iguais diante de Deus.

Como Deus abençoou (22) o que previamente havia criado (21), assim Deus outra vez **abençoou** (28) esta fase da sua obra. Incumbiu o homem com a responsabilidade de reproduzir-se e sujeitar à sua superintendência a terra e tudo que nela havia.

O ato de abençoar o gênero humano é de significado mais amplo que o de abençoar os animais (22). O homem é capaz de ter consciência dessa bênção e pode responder a ela. “Abençoar” em relação a um ser racional é ato de transmitir um senso da vontade de Deus para o abençoado. Isto é especialmente significativo para o homem, pois a ordem de procriar coloca a aprovação de Deus no ato de reprodução. Essencialmente, a relação homem-mulher na procriação é boa, está dentro da vontade de Deus e é básica para o bem-estar deles.

No Antigo Testamento, há dois aspectos para o ato de conceder bênçãos. Da parte de Deus, há o ato de um Ser superior concedendo favor a quem é dependente dele. Da parte do homem, há o retorno da gratidão ao Doador de dons (Gn 24.48; Dt 8.10).

Aspecto importante da bênção de Deus era a concessão de poder e habilidade para sujeitar e dominar (28) os outros seres criados que habitam a terra. Mas era uma autoridade delegada, um governo subordinado, pelo qual o homem prestava contas a Deus. Presumimos que a responsabilidade de controlar a vida animal não acarreta o direito de abusar dela, caso contrário não teria sido bom.

Deus concedeu ao homem o direito de usar os frutos da vida vegetal para comida (29). Isto não lhe deu o privilégio de explorar a natureza, deixando para trás estrago e desolação. O cuidado apropriado dos frutos da vida vegetal tem necessariamente de acarretar o cultivo (2.15) e a conservação dos recursos naturais.

O fato de os animais, sujeitos ao controle do homem, também se alimentarem de plantas, **toda a erva verde** (30), destaca ainda mais a responsabilidade que pesa sobre o homem. Ele é responsável por controlar a natureza de modo que a natureza supra as necessidades de todas as criaturas vivas e não só as necessidades do homem (ver 9.3 sobre a permissão de comer carne).

A morte de animais não é mencionada, embora não haja razão para presumir a ausência de morte animal antes da queda. O foco está na vida, na harmonia, na ordem e na aptidão de forma e função para o domicílio terrestre do homem.

Em 1.1-5, 26-31, vemos a “Criação pela Vontade Onipotente”, com a idéia central no versículo 1. 1) Causa adequada, 1,2; 2) Desígnio evidente, 2-5; 3) Homem semelhante a Deus, 26-30; 4) Concepção onisciente, 31 (G. B. Williamson).

8. O Dia do Santo Descanso (2.1-3)

Os primeiros três versículos deste capítulo pertencem apropriadamente ao conteúdo do capítulo 1, visto que trata do sétimo dia na série da criação. Durante seis dias, Deus esteve criando e formando a matéria inorgânica, as plantas, os animais e o homem. De certo modo, tudo isso ocupa e está relacionado com o espaço. O homem recebeu a ordem específica de sujeitar o que se encontrava no âmbito espacial. Deus inspecionou tudo e considerou muito bom; Ele concluiu tudo que quis criar.

Certos rabinos antigos ficaram aborrecidos porque pensaram ter visto aqui uma indicação de que Deus trabalhara no sábado. O rabino Rashi declarou que o que faltava para o mundo era descanso, e assim o último ato de Deus foi a criação do Sábado, no qual há quietude e repouso.¹¹

Nos Dez Mandamentos, a relação dos seis dias do trabalho de Deus com as coisas materiais para um dia de descanso serve de base para a observância do homem de um dia de descanso (Êx 20.8-11). Este é um dia estabelecido por Deus e deve ocorrer regularmente. Outros dias importantes podem ser estabelecidos pelo homem e oscilar conforme as estações, mas este dia é independente das estações ou dos problemas de fixar uma data específica. Neste dia, a ordem de Deus para o homem conquistar a natureza é posta de lado e o homem reconhece uma lei superior, na qual ele se entrega a Deus.

No Salmo 95.11 há a alusão de que Deus nega um “descanso” (um sábado) a quem o desobedece. O escritor do Livro de Hebreus se apropria desta sugestão para declarar que ainda resta um descanso sabático para o povo de Deus: “Procuremos, pois, entrar naquele repouso” (Hb 4.11). O sábado indicaria a cessação de atos de desobediência e a aceitação do governo de Deus sobre o ser interior.

Ao contrário do *sabbattu* babilônico, no qual demônios perigosos perambulavam livremente, o sábado instituído aqui foi santificado por Deus. Era para ser um dia de alegria e contentamento, de renovação interior, de louvor a um Deus misericordioso. Na crença pagã, certas forças naturais, coisas, lugares, animais ou pessoas eram intrinsecamente santos, até divinos; mas em nenhuma parte desta história da criação a santidade é atribuída a algo que venha da natureza. Tudo que Deus havia criado era muito bom, mas nada foi considerado santo. O primeiro item que foi declarado santo é a porção de tempo do sábado. Deus reservou o sábado para que nele o homem aprofundasse sua relação com seu Criador.

Deus santificou o sétimo dia da criação, estabelecendo com ele uma relação especial. Nos Dez Mandamentos, o homem tem de santificar repetidamente o sábado, reconhecendo que ele tem uma relação especial com Deus.¹²

O fato de, basicamente, a santidade estar associada com o tempo e não com um lugar fixo possibilitou no exílio a construção de sinagogas. Desta forma, as duas instituições, o sábado e a sinagoga, puderam resistir a todas as vicissitudes da dispersão; até hoje permanecem forças poderosas no judaísmo.

O mesmo é verdadeiro acerca do sábado e a igreja cristã ao longo da história. A base do sábado foi trocada do evento da criação para o evento da ressurreição; por conseguinte, o tempo foi mudado do sábado para o domingo. Contudo, o mesmo princípio subjacente persiste; seis dias são dados para o domínio do homem sobre a natureza, mas o sétimo dia é o Dia do Senhor.

B. O CRIADOR EM RELAÇÃO À CRIAÇÃO, 2.4—3.24

A significação especial do homem como a mais sublime criação de Deus é o ponto central desta história. Ela descreve a relação ideal entre Deus e o homem, a qual, por sua vez, é a base para a relação ideal entre o homem e a mulher no casamento. Como ponto contrastante, aqui é mostrada a natureza do pecado que leva estas relações ao caos.

A história tem uma seqüência clara. Há um cenário geral (2.4-14), uma ordem (2.15-17), a inserção do ato criativo (2.18-25), um ato de violação (3.1-8), um questionamento (3.9-13), um julgamento (3.14-21) e uma expulsão (3.22-24). Pelo fato de o capítulo 3 conter a narrativa da violação e do julgamento, seu tom de dúvida, medo e raiva é notavelmente diferente do encontrado no capítulo 2, que possui uma atmosfera de paz, harmonia e encanto.

1. O Homem com o Fôlego da Vida (2.4-7)

A palavra *gerações* tem um significado mais vasto que o termo *genealogia*. O conceito de **origens** (4) não é essencial à palavra. Há outras dez ocorrências em Gênesis (5.1; 6.9; 10.1; 11.10,27; 25.12,19; 36.1,9; 37.2), uma delas (37.2) sem ter genealogia; mas, na maioria dos casos, é apresentado muitos acontecimentos significativos, como também uma genealogia.

Certos expositores colocariam a primeira parte do versículo 4 com o material precedente, mas nas outras ocorrências em Gênesis a expressão: **Estas são as origens de** (ou *gerações de*), serve de cabeçalho ao que vem a seguir. É o que acontece aqui.

Há paralelo entre os versículos 4 e 5 deste capítulo e os versículos 1 e 2 do capítulo 1. Porém, o capítulo 2 fala pouco sobre os eventos criativos intermediários que levam à criação do homem. Não há indicação clara de que a história no capítulo 2 tenha alguma parte na seqüência de tempo do aparecimento de plantas e animais. Pelo contrário, a atenção é focada no fato de que sem **chuva** e o cuidado vigilante do **homem** a terra era originariamente estéril. Por conseguinte, Deus forneceu umidade e **formou o homem** para que as plantas que precisam de cultivo frutificassem.

Mais detalhes sobre a criação do homem são dados aqui que em 1.27. Em 2.7, o homem é apresentado como criatura da terra. Ele é formado do pó. Com profundo interesse, Deus inalou vida no homem, ato que realça o fato de que a vitalidade do homem e a dinâmica interna vêm diretamente de Deus. Qualquer outro objeto do afeto e esperança do homem é ilusão. Ele é feito para dois mundos; portanto, ser separado de Deus é murchar como o fruto de uma videira cortada.

As duas expressões: o **fôlego da vida** (7, *nishmat chayyim*) e a **alma vivente** (*nefesh chayyah*) têm muito em comum. Ambas podem ser usadas para referir-se tanto a animais como ao homem. **Fôlego** (*nishmat*) está mais associado com o homem, mas é designado a animais em 7.22. **Alma vivente** se aplica a todos os tipos de animais em 1.20,21,24,30; 2.19; 9.12,15,16.

O termo hebraico *nefesh* tem conotação mais ampla que o termo *nishmat*. Ambos podem significar “respiração, fôlego, hálito”, mas *nefesh* também inclui estes significados: ser vivo, alma, vida, ego, pessoa, desejo, apetite, emoção e paixão.¹³ O homem é único. Ele é o que é, porque **Deus... soprou em seus narizes o fôlego da vida**. Deus nunca fez isso com um animal.

2. O Jardim da Delícia (2.8-14)

A palavra **jardim** (8) é tradução da palavra hebraica *gan*, que designa lugar fechado. A Septuaginta traduz o hebraico por “paraíso”, *paradeison*, termo persa que significa um parque.

Éden não é traduzido mas transliterado para nosso idioma. Basicamente, significa “prazer ou delícia”. Parece indicar uma região. Éden pode ser derivado da palavra assíria

edinu, que significa “planície, pradaria ou deserto” e designa a terra entre o rio Tigre e o rio Eufrates. Se a frase **saía um rio** (10) for compreendida no sentido de rio acima, o jardim estaria situado no vale mesopotâmico inferior. Se for entendida no sentido de rio abaixo, teria de estar situado na Armênia, onde as nascentes dos rios Tigre e Eufrates se originam perto uma da outra (ver Mapa 1). Atualmente, não há como obter conclusão definitiva sobre esta questão.

Mais importante para a história é a presença da **árvore da vida** e da **árvore da ciência do bem e do mal** (9). Pelo visto, a primeira árvore mencionada era a fonte de vida, da qual o homem, depois que pecou, teve de ser separado (3.22-24). Uma “árvore de vida” é mencionada em Provérbios 3.18; 11.30; 13.12; 15.4, onde, em sentido figurado, representa fonte de felicidade, sabedoria e esperança. A frase também é encontrada no Livro do Apocalipse como o dom supremo para o crente fiel (Ap 2.7) e como símbolo da vida eterna (Ap 22.2,14).

Com respeito à **árvore da ciência do bem e do mal**, os dois opostos, o **bem** e o **mal**, representam os extremos da ciência ou conhecimento e, assim, servem de expressão idiomática para referir-se à perfeição — neste caso, onisciência e poder. Em Deuteronômio 1.39 e Isaías 7.14-17, a falta de conhecer o bem e o mal indica imaturidade, ao passo que em 2 Samuel 19.35, a plena maturidade está, por vias indiretas, associada com a habilidade de discernir entre o bem e o mal. Mas Gênesis 3.5 sugere que este poder é atributo divino, e Provérbios 15.3 faz a afirmação clara de que é equivalente de onisciência (ver 2 Sm 14.17; 1 Rs 3.9).

O rio **Pison** (11) nunca foi satisfatoriamente identificado, embora haja suposições, entre as quais figuram o rio Indo, da Índia. **Havilá** (11) diz respeito a um país arenoso que produz **ouro** bom. Essa terra também produzia **bdélio** (12), resina de grande valor conhecida pelos israelitas (ver Nm 11.7). É duvidoso que **pedra sardônica** (12) seja a tradução correta do termo hebraico *shoham*; a Septuaginta sugere berilo.

A identificação de **Giom** (13) é desconhecida. Há muito que o rio Nilo é conjectura favorita, porque a Septuaginta e a Vulgata identificam a palavra hebraica *kush* (**Cuxe**) com a Etiópia. Mas, pela razão de Gênesis 10.7-10 mencionar que os descendentes de Cuxe são árabes e tribos ou cidades mesopotâmicas, há quem afirme que **Giom** é o rio Araxes, que deságua no rio Ciro e depois desemboca no mar Cáspio. Cuxe seria o nome hebraico para referir-se aos cassitas que habitavam naquela região.

O nome do terceiro rio é Hidéquel (14), que é o famoso rio Tigre (ver Mapa 1), o qual em acádio antigo era chamado *idiqlat*. O rio Eufrates corre paralelo ao rio Tigre, com o qual se unia para irrigar o vale mesopotâmico. Ainda é um rio importante. O nome assírio era *puratu*, mas no persa antigo era *ufratu*, que serviu de base para a palavra grega *euphrates*.¹⁴

3. A Ordem que Fixou Limites (2.15-17)

Quando Deus colocou o homem no **jardim** (15), Ele lhe deu duas tarefas: **para o lavar e o guardar**. Em contexto agrícola, **lavar** significa cultivar, ação que inclui o ato de podar videiras.

Quando **ordenou o SENHOR Deus ao homem** (16), Ele deixou claro sua relação soberana com o homem e a relação subordinada do homem com Ele. Deus tinha este direito, porque Ele é o Criador e o homem é a criatura.

Para expressar proibição, aqui é empregada a maneira mais forte possível em hebraico para colocar a **árvore da ciência do bem e do mal** (17) fora da alçada do homem. Visto que o discurso direto é inerentemente pessoal, a ordem: **Não comerás**, é pessoal e a qualidade do negativo hebraico a coloca em negação permanente. A importância da ordem é aumentada pela severidade do castigo. Isto é muito forte na sintaxe hebraica, sendo que a força é um tanto quanto mantida na tradução com a palavra **certamente**.

4. A Mulher que Deus Formou (2.18-25)

Havia um aspecto da criação de Deus que não estava totalmente satisfatório. O fato de o homem ainda estar **só** (18) não era bom. O isolamento é prejudicial. Por dedução, a relação social, ou seja, o companheirismo, é bom. Por conseguinte, Deus determinou fornecer ao homem uma **adjutora que esteja como diante dele**, literalmente, uma ajudante que lhe correspondesse, alguém que fosse igual e adequada para ele. “Uma ajudante certa que o complete” (VBB). A *Bíblia Confraternidade* traduz: “Uma ajudante como ele mesmo”.

Considerando que não há formas de tempos verbais em hebraico, não se conclui necessariamente que Deus formou os animais depois de ter formado o homem. Pode igualmente significar que *depois* que o homem foi colocado no jardim, os animais que Deus *previamente* formara foram trazidos a Adão (19). A seqüência de tempo não é o item importante aqui.

Um aspecto da imagem de Deus foi demonstrado pelo poder de Adão discernir a natureza de cada animal e dar um **nome** certo, pois em hebraico, nome e caráter coincidem. Quando **Adão pôs os nomes** (20), ele mesmo foi capaz de discernir que nenhum dos animais era uma adjutora que estivesse como diante dele. Ele, como também Deus, tinha de saber disso para apreciar o que Deus estava a ponto de fazer.

O **sono pesado** (21) é o tipo no qual os sentimentos ou capacidade emotiva deixam de funcionar normalmente. Ver Gênesis 15.12; Jó 4.13; 33.15, onde a frase está ligada com visões; e 1 Samuel 26.12 e Jonas 1.5, onde o termo não está relacionado com visões. Ver também Isaías 29.10, onde a expressão sugere falta de sensibilidade espiritual. A costela (22) pode significar o osso e a carne que a envolve. É a parte do corpo mais próxima do coração, que para os hebreus era o lugar dos afetos. A mulher não foi feita de substância inferior.

Para acentuar a singularidade deste ato, é usado um verbo hebraico diferente (*yiben*), que significa “construir”, detalhe completamente perdido na palavra traduzida por **formou**. Deus **trouxe-a a Adão** para sua aprovação e avaliação. Assim, parte da história segue a seqüência dos dias criativos no capítulo 1, isto é, a decisão (18-20), o ato criativo (21,22) e a aprovação (23).

De imediato, **Adão** (23) viu a conveniência desta ajudante. Ela era parte íntima dele, **osso dos meus ossos e carne da minha carne** e, desta forma, adequada para ele. Mas ele também demonstrou sua posição de autoridade ao lhe dar um nome.

Com efeito, esta foi a instituição da relação matrimonial. Desde o princípio, Deus quis que o casamento fosse exclusivo e íntimo. Não era simplesmente para a mulher agarrar-se ao homem como um apêndice. Para deixar clara a responsabilidade do homem, Deus ordenou que o homem se apegasse **à sua mulher** (24) no compromisso

mútuo da verdadeira união. O casamento tem de permanecer irrompível ao longo da vida, pois foi dito: **E serão ambos uma carne**, ou seja, uma identificação completa entre si. E nisto eles **não se envergonhavam** (25).

5. *A Mulher que a Serpente Iludiu* (3.1-5)

A **serpente** (1) se enfiou sorratamente no jardim tranqüilo como um visitante sinistro. Por todo o antigo discurso semítico, os répteis estavam relacionados com influências demoníacas e este versículo descreve que a criatura **era mais astuta que todas as alimárias do campo**. À medida que a história progride, a serpente é apresentada em todos os lugares como instrumento de certo poder espiritual oculto. No Novo Testamento, Jesus relaciona a serpente ao diabo (Jo 8.44), como também o faz Paulo (Rm 16.20; cf. 2 Co 11.3; 1 Tm 2.14) e João (Ap 12.9; 20.2). Em todos estes exemplos, a fonte da tentação é objetivamente distinta de Deus ou do ser humano. Em nenhum caso, a serpente é considerada apenas a “personificação da tentação”¹⁵ ou a “representante do poder da tentação”.¹⁶

A serpente começou a conversa com uma expressão de surpresa: **Não comereis de toda árvore do jardim?**, e passou a citar erroneamente a ordem original de Deus, tornando-a absurda. A proibição original estava relacionada só com uma árvore, mas a serpente disse **de toda árvore**, frase que em 2.16 é encontrada na ordem permissiva e não na ordem negativa (2.17). A serpente pôs em dúvida a bondade de Deus: Ele foi muito restritivo, retendo desnecessariamente benefícios de grande valor.

Esta primeira pergunta era aparentemente inocente, mas enganou a **mulher** (2), fazendo com que ela também citasse erroneamente a ordem. Ela tornou a proibição muito mais forte do que realmente era. Deus não dissera: **Nem nele tocareis** (3). Mas Ele fizera a ameaça de castigo muito mais forte do que **para que não morrais**. Ela tornou, sem perceber, a ordem irracional e o castigo mera possibilidade, em vez de ser um resultado inevitável. A mulher perdeu a oportunidade de ouro de derrotar a sugestão da serpente. Tivesse ela citado a ordem corretamente e se aferrado a ela, o inimigo não teria podido prosseguir com seu intento.

A serpente percebeu a vantagem e passou a negar categoricamente a verdade da declaração punitiva de Deus, declarando positivamente: **Certamente não morrereis** (4). Ele concentrou seu ataque incitando ressentimento contra a restrição e suscitando desejo de poder. Deus não estava usando a finalidade da morte como dispositivo para sonegar ao gênero humano a descoberta de algo — **se abrirão os vossos olhos** (5)? Ele não estava impedindo o homem de possuir um bem que o homem tinha o direito de ter? A serpente estava acusando Deus de motivo impróprio, de egoisticamente manter o homem em nível de existência inferior. O verdadeiro destino do homem, a serpente indicou, era ser **como Deus**. A característica principal do ser divino era o poder de saber **o bem e o mal**.¹⁷ Este saber não era conhecimento abstrato, mas a habilidade prática de saber todas as coisas, inclusive a inteligência de inventar e estabelecer padrões éticos.

Engenhosamente, a serpente sugerira que desobedecer a ordem de Deus ocasionaria, não a morte, mas uma vida completa e rica para o homem. Não foram feitas promessas positivas, só a sugestão de possibilidades que eram fascinantes e misteriosas. Este era o apelo nuclear do paganismo, a crença de que grandes realizações, pensamento

profundo ou ritual cuidadosamente observado introduziriam a pessoa no reino divino. Este também é o pecado básico do homem, alcançar o estado de ser absolutamente livre e auto-suficiente.

Em 3.1-6, temos “O Apelo da Serpente”. 1) Ao desejo físico, 6ab; 2) À curiosidade intelectual, 5; 3) À disposição de auto-afirmação, 1,3 (G. B. Williamson).

6. *O Ato de Violação (3.6-8)*

Os argumentos da serpente atraíram três facetas da natureza da mulher, cada uma parte legítima de sua natureza de criatura. A fome física foi estimulada, pois **aquela árvore era boa para se comer** (6). O apetite estético foi provocado, pois era **agradável aos olhos**. E a capacidade de sabedoria e poder foi atizada, pois era **árvore desejável para dar entendimento**, o que incluía a habilidade de dominar os outros (cf. a tentação de Jesus, Mt 4.1-11; Lc 4.1-13; 1 Jo 2.16).

Na verdade, há muito que a mulher fora derrotada e sua contemplação logo resultou em ação. A ordem de Deus foi desobedecida e, incrivelmente, **seu marido** a seguiu na desobediência. Depois de terem comido, **foram abertos os olhos de ambos** (7), mas não do modo em que a serpente indicou. Em vez de passarem para um nível de existência superior, eles caíram a um nível inferior. Eles **conheceram que estavam nus**. Em vez de ficarem unidos com Deus, alcançando essência igual com Ele, eles foram alienados um do outro pela consciência de que seu ato não produziu o que esperavam.¹⁸ A frustração estava relacionada com o novo conhecimento de nudez. A desobediência gerou culpa e vergonha. Em reação ao sentimento de vergonha, os dois apanharam **folhas de figueira**, com as quais **fizeram para si aventais** (ou “cintas”). Eram tangas simples e transpassadas.

O homem e a mulher estavam familiarizados com a **voz do SENHOR Deus** (8), como se deduz pela comunhão freqüente com o Criador. A **viração do dia** é expressão idiomática para aludir à noite, pois no Oriente Próximo sopra um vento fresco sobre a terra ao pôr-do-sol. Desta vez, o casal não estava preparado para encontrar-se com Deus. A expressão **a presença** é caracteristicamente vívida em hebraico. Não é uma influência vaga e indefinível, mas uma confrontação direta, bem definida e pessoal. O casal culpado **escondeu-se**, mas de nada adiantou.

7. *A Intimação para Comparecer na Presença de Deus (3.9-13)*

A pergunta: **Onde estás?** (9), não foi feita por Deus não saber o paradeiro deles, mas porque Ele queria induzir a resposta e fazer o homem e a mulher saírem do esconderijo pela própria confissão.

A resposta de Adão: **Temí** (10), esclarece o motivo de terem se escondido. Participar do fruto da árvore não o fez semelhante a Deus, como sugeriu a serpente, mas comprometeu sua verdadeira essência de ser homem diante de Deus.

Deus conhece o bem e o mal da perspectiva da bondade divina e soberana. Mas o homem, sendo homem e dependente de Deus, só pode conhecer o bem e o mal da perspectiva da obediência à vontade de Deus ou da perspectiva da desobediência, que é a rejeição da vontade expressa de Deus. O alcance do homem ao estado divino só o lançaria no papel da desobediência; por conseguinte, seu conhecimento do bem e do mal estava misturado com culpa e medo.

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

1

GÊNESIS A
DEUTERONÔMIO

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

George H. Livingston
Leo G. Cox
Dennis F. Kinlaw
Lauriston J. Du Bois
Jack Ford
A. R. G. Deasley

ISBN 85-263-0685-5



9 788526 306851